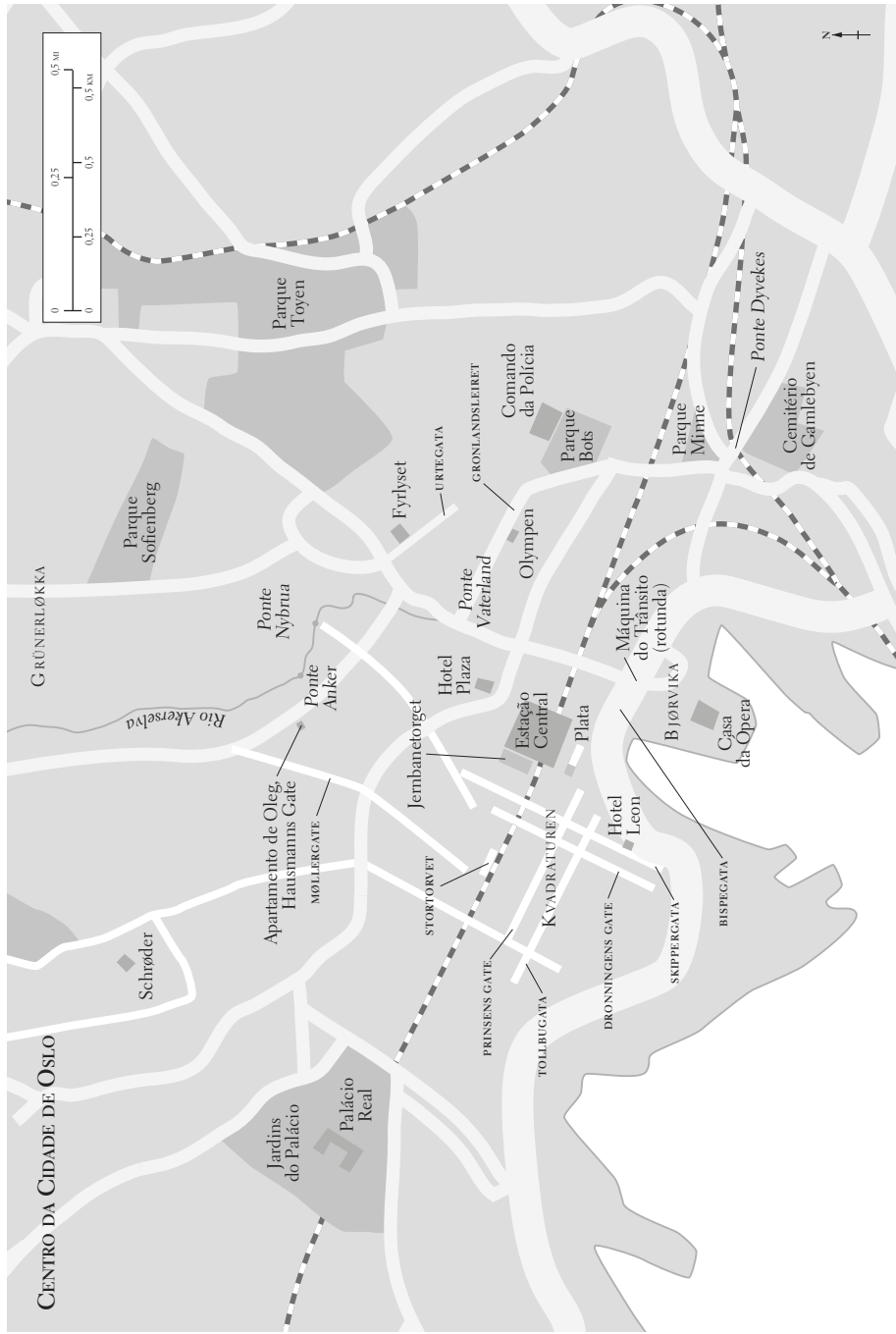
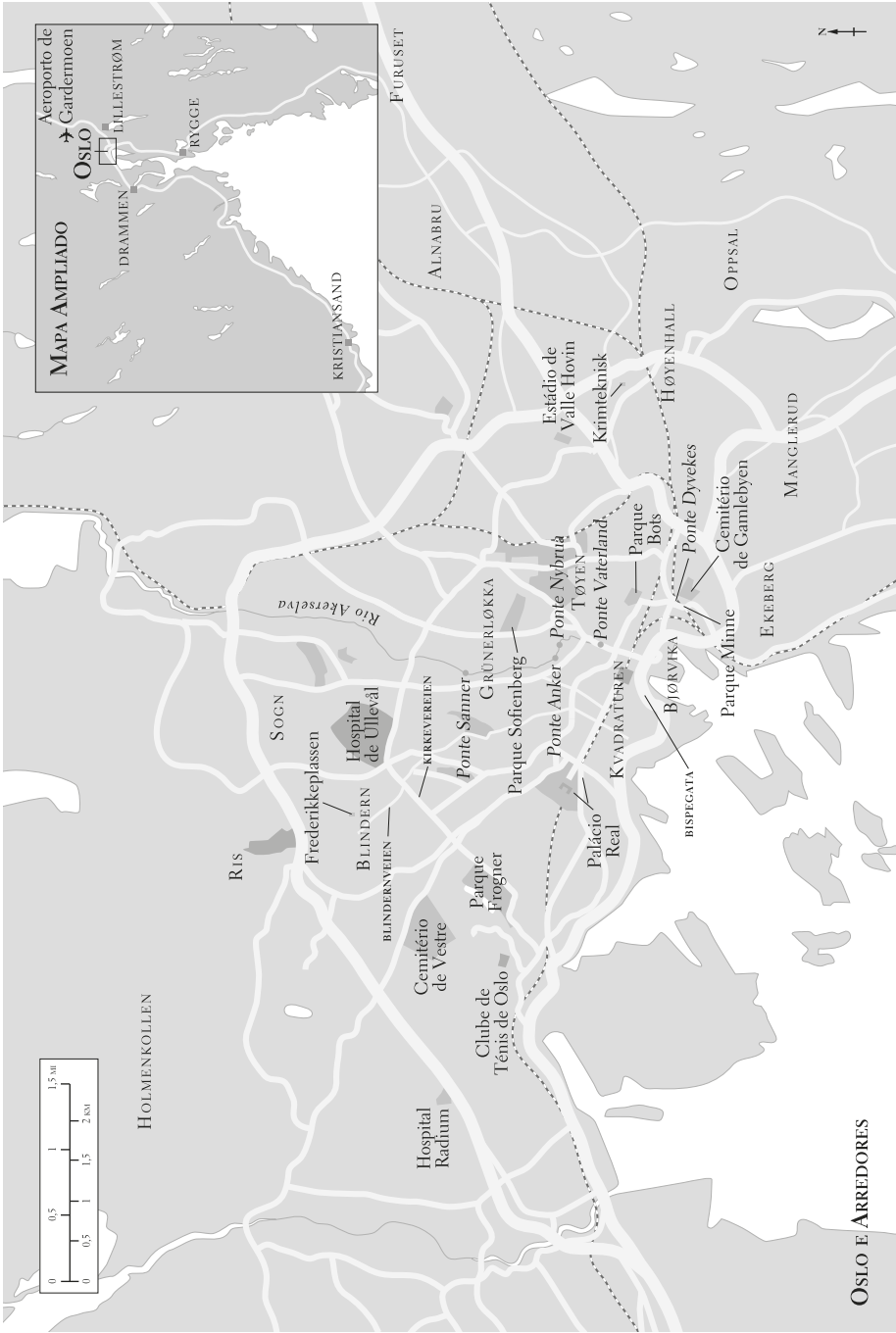


O FANTASMA

Jo Nesbø





OSLO E AREDORES

PARTE UM

O s guinchos chamavam-na. Como lanças acústicas, sobrepunham-se a todos os outros ruídos noturnos no centro da cidade de Oslo: a toada regular dos carros do lado de fora da janela, o som alto e baixo de uma sirene distante e os sinos da igreja que tinham começado a tocar ali próximo. Continuou a procurar comida. Roçou o focinho no linóleo imundo que cobria o chão da cozinha. Com a rapidez de um relâmpago, ia registrando e dividindo cheiros em três categorias: comestíveis, ameaçadores ou irrelevantes para a sobrevivência. O cheiro acre a cinza de cigarro. O aroma adocicado do sangue num pedaço de algodão. O odor a cerveja azeda dentro de uma carga de *Ringnes* loura. As moléculas gasosas de enxofre, nitrato de potássio e dióxido de carbono provinham de um invólucro metálico vazio concebido para uma bala de chumbo de nove por dezoito milímetros, também designada por *Marakov*, nome da pistola a cujo calibre fora inicialmente adaptada. Fumo de um cigarro ainda aceso com um filtro amarelo e papel preto, ostentando a águia imperial russa. O tabaco era comestível. E ali: um fedor a álcool, couro, gordura e alcatrão. Um sapato. Farejou-o. E decidiu que não era tão fácil de digerir quanto o blusão no roupeiro, aquele que cheirava a combustível e ao animal putrefacto do qual fora feito. Depois, a ratazana concentrou-se na maneira de abrir caminho à força através daquilo que tinha pela frente. Experimentara de um lado e do outro,

procurara comprimir-se para passar, no entanto, apesar de ter apenas vinte e cinco centímetros de comprimento e não pesar sequer meio quilo, não conseguiu. O obstáculo encontrava-se deitado de lado, com as costas viradas para a parede, bloqueando o acesso ao ninho e aos oito recém-nascidos cegos e pelados que clamavam cada vez mais alto pelo leite da mãe. A montanha de carne cheirava a sal, suor e sangue. Era um corpo humano. Um ser humano vivo; os ouvidos sensíveis do roedor conseguiam detetar os ténues batimentos cardíacos por entre os guinchos famintos dos seus bebés.

Estava assustada, mas não tinha outra alternativa. Alimentar os filhotes sobrepunha-se a todos os perigos, a todos os esforços, a todos os seus outros instintos. Empinou-se então, de focinho no ar, à espera de que a solução chegasse até si.

Naquele momento, os sinos da igreja começaram a tocar em sintonia com o coração humano. Um batimento, dois. Três, quatro...

Expôs os seus dentes de roedor.

Julho. Merda. Uma pessoa não devia morrer em julho. Estou mesmo a ouvir sinos de igreja, ou havia alucinogénios no raio das balas? Muito bem: portanto, isto acaba aqui. E que raio de diferença faz? Aqui ou ali. Agora ou depois. Mas será que eu merecia mesmo morrer em julho? Com as aves a cantar, as garrafas a retinir, as gargalhadas vindas das margens do Akerselva e o raio da galhofa estival mesmo do lado de fora da tua janela? Merecia estar estendido no chão de um antro infeto de drogados com um orifício extra no meu corpo, do qual tudo se esvai: a vida, os segundos e as recordações de todas as situações que me conduziram aqui? Tudo, seja grande ou pequeno, o conjunto completo de acontecimentos fortuitos e semideterminados. Isto sou eu? Isto é tudo? Isto é a minha vida? Eu tinha planos, não tinha? E agora mais não são do que um saco de pó, uma anedota sem remate, tão curta que tinha tempo de a contar antes de o maldito sino parar de tocar. Fogo do inferno! Ninguém me avisou de que era tão doloroso morrer. Estás aí agora, pai? Não te vás, não agora. Ouve, a anedota continua assim:

o meu nome é Gusto. Vivi até aos dezanove anos. Tu foste um tipo malvado que comeu uma mulher malvada e nove meses depois eu vim ao mundo e fui empandeirado para uma família de acolhimento antes de ter sequer tempo de dizer «pai!»! E causei-lhes tantos problemas quanto possível. Eles limitaram-se a envolver-me num manto de cuidados ainda mais sufocante e a perguntar-me o que queria para me acalmar. O raio de um gelado? Não faziam a mínima ideia de que pessoas como tu e eu acabavam por ser abatidas a tiro, erradicadas como uma praga, que contagiava e espalhava a decadência multiplicando-se como ratos, se a oportunidade se apresentasse. Só se podem culpar a eles próprios. Mas eles também têm desejos. Toda a gente deseja alguma coisa. Eu tinha treze anos quando vi nos olhos da minha mãe adotiva o que ela queria.

- És tão bonito, Gusto – disse ela. Ela tinha entrado na casa de banho: eu não fechara a porta nem abrira a torneira do duche para o som não lhe chamar a atenção. Ela ficou ali exatamente um segundo a mais antes de sair. E eu ri-me, porque então soube. É esse o meu talento, pai: consigo saber o que as pessoas querem. Terei saído a ti? Também eras assim? Depois de ela sair, olhei-me no espelho grande. Ela não fora a primeira a dizê-lo: que eu era bonito. Desenvolvera-me mais cedo do que os outros rapazes. Alto, esbelto, já com os ombros largos e musculado. Cabelo tão preto que brilhava, como se toda a luz se refletisse nele. Malares salientes. Queixo quadrado. Uma boca grande e ávida, e lábios tão cheios quanto os de uma rapariga. Pele macia, trigueira. Olhos castanhos, quase pretos. «A ratazana castanha», assim me chamara um dos rapazes da turma. O Didrik, penso que era esse o nome dele. Ia ser pianista, dar concertos. Eu acabara de fazer quinze anos e ele anunciara-o à turma, alto e bom som: «Aquela ratazana castanha nem sequer sabe ler bem.»

Limitei-me a rir e, logicamente, percebi porque o dissera. Sabia o que ele desejava. A Kamilla. Estava secretamente apaixonado por ela; já ela estava, não tão secretamente, apaixonada por mim. Durante a festa da turma, eu resolvera apalpá-la para saber o que ela tinha debaixo da camisola. Que, diga-se de passagem, até nem era grande coisa. Comentei-o com alguns colegas, que se encarregaram de o fazer chegar

aos ouvidos do Didrik, que resolveu banir-me. Não que eu estivesse lá muito interessado em «estar integrado», mas *bullying é bullying*. Então, fui ter com o Dudu ao MC, o clube dos motoqueiros. Eu já tinha sido intermediário deles a traficar um pouco de haxe na escola, e frisei que necessitava de algum respeito para poder fazer um trabalho razoável. O Dudu respondeu-me que tratava do Didrik. Mais tarde, este último recusara-se a explicar fosse a quem fosse como tinha entalado dois dedos na dobradiça superior da porta da casa de banho dos rapazes, no entanto, nunca mais me chamou «a ratazana castanha». E – na verdade – também nunca chegou a ser pianista. Merda, isto dói tanto! Não, não preciso de qualquer consolo, pai, preciso de uma dose. De um último chuto e depois parto deste mundo na boa, prometo. Pronto, lá está outra vez o sino da igreja a tocar. Pai?

Era quase meia-noite no Gardermoen, o principal aeroporto de Oslo, quando o SK-459 proveniente de Banguescoque deslizou até ao local que lhe fora destinado junto à Porta 46. O comandante Tord Schultz travou até imobilizar por completo o *Airbus 340*; depois, desligou rapidamente o abastecimento de combustível. A lamúria metálica dos motores a jato foi baixando as frequências até um bem-humorado resmungo antes de se silenciar. Tord Schultz tomou automaticamente nota da hora: três minutos e quarenta segundos após a aterragem, doze minutos antes da hora prevista. Ele e o copiloto deram início à lista de verificações de encerramento e estacionamento, pois o avião ia ficar ali durante a noite. Com a mercadoria. Folheou a pasta que continha o registo de bordo. Setembro de 2011. Em Banguescoque decorria ainda a estação das chuvas e estivera extremamente abafado, como de costume, por isso ansiava chegar ao seu país e às primeiras noites frescas de outono. Oslo em setembro. Não existia melhor lugar na Terra. Preencheu o impresso do combustível restante. A nota do combustível. Tinha de encontrar uma forma de justificá-la. Em voos provenientes de Amesterdão ou Madrid, viera mais depressa do que o economicamente razoável, queimando milhares de coroas de combustível para o conseguir. No fim, o chefe repreendera-o.

— Com que finalidade? — gritara. — Não transportava passageiros com voos de ligação!

— A companhia aérea mais pontual do mundo — murmurara Tord Schultz, citando o *slogan* publicitário.

— A companhia aérea mais economicamente arruinada do mundo! Não tem uma explicação melhor para me dar?

Tord Schultz encolhera os ombros. Afinal, não podia revelar o motivo: abrira os bicos injetores de combustível porque havia algo que tinha de ser ele próprio a fazer. O voo para o qual fora escalado, o de Bergen, Trondheim ou Stavanger. Era extremamente importante que fosse *ele* a fazer a viagem e não um dos outros pilotos.

Dada a sua idade, pouco mais lhe podiam fazer do que vociferar. Evitara cometer erros graves, a organização tratava-o bem e faltavam poucos anos para chegar aos dois cincos, cinquenta e cinco, altura em que se reformaria, acontecesse o que acontecesse. Tord Schultz suspirou. Poucos anos para resolver os assuntos, para evitar acabar como o piloto economicamente mais arruinado do mundo.

Assinou o registo, levantou-se e abandonou o *cockpit* para exhibir aos passageiros a fiada de dentes branco-pérola no seu rosto bronzeado. O sorriso que lhes diria que ele era a confiança em pessoa. O comandante. A categoria profissional que, em tempos, o tornara importante aos olhos dos outros. Ele bem vira a forma como as pessoas, homens e mulheres, jovens e velhos, mal se proferia a palavra mágica «comandante», olhavam para ele e descobriam não só o carisma, a descontração, o encanto pueril, mas também o dinamismo e a precisão fria do comandante, o intelecto superior e a coragem de um homem que desafia as leis da Física e os receios inatos dos meros mortais. Mas isso fora há muito tempo. Agora, viam-no como o motorista de autocarro que era e perguntavam-lhe quais os bilhetes mais baratos para Las Palmas, e por que razão havia mais espaço para as pernas na Lufthansa.

Que fossem para o inferno. Todos sem exceção.

Tord Schultz encontrava-se à saída, junto aos assistentes de bordo, endireitou-se e sorriu, disse «Até à próxima, menina» com pronúncia texana, como lhe tinham ensinado na escola de aviação em Sheppard. Recebeu um sorriso de reconhecimento. Houve

uma altura em que aquele sorriso teria bastado para conseguir um encontro no átrio das chegadas. E, efetivamente, assim sucedera. Da Cidade do Cabo a Alta¹. Mulheres. Muitas mulheres. Fora esse o problema. E a solução. Mulheres. Muitas mulheres. Novas mulheres. E agora? A linha do cabelo retrocedia debaixo do boné de comandante, embora a farda feita à medida lhe realçasse o físico alto e espadaúdo. Atribuía-lhe a culpa de não caber nos caças na escola de voo e de ter acabado como piloto de transporte de mercadorias no *Hércules*, o burro de carga do céu. Em casa, comunicara que tinha alguns centímetros a mais de coluna, que os *cockpits* dos Starfighters, os *F-5* e *F-16*, eliminavam todos exceto os anões. A verdade é que ele não estivera à altura do desafio. O corpo era tudo o que conservava desses tempos, o único elemento que não se desintegrara, que não se desmoronara. Ao contrário dos seus casamentos. A sua família. Os amigos. Como pudera acontecer? Onde estava quando aconteceu? Possivelmente num quarto de hotel na Cidade do Cabo ou em Alta, com o nariz entupido de cocaína para compensar as bebidas no bar que lhe reduziam a virilidade, já sem conseguir que a sua pila desse muito bem conta do recado, para compensar tudo o que ele não era nem nunca haveria de ser.

O olhar de Tord Schultz deteve-se num homem que avançava pela coxia na sua direção. Caminhava cabisbaixo, mas sobressaía entre os outros passageiros. Era magro e espadaúdo, tal como ele. Mais novo, porém. O cabelo louro curto estava espetado como as cerdas de uma escova. Parecia norueguês, mas não tinha nada ar de turista de regresso a casa, mais provavelmente um expatriado com o leve bronzeado, quase pardacento, típico dos brancos que tinham passado uma longa temporada no Sudeste Asiático. O fato de linho castanho, feito sem dúvida à medida, conferia-lhe uma imagem de qualidade, seriedade. Talvez um homem de negócios. Não querendo alardear prosperidade, escolhera viajar em classe turística. Contudo, não foi o fato nem a altura que fizeram o olhar de Tord

¹ A maior cidade do condado de Finnmark, na Lapónia norueguesa. (N. da T.)

Schultz cravar-se nele. Foi a cicatriz. Começava no canto esquerdo da boca e chegava-lhe quase à orelha, como uma foice em forma de sorriso. Grotasca e maravilhosamente teatral.

– Até breve.

Tord Schultz ficou surpreendido, mas não conseguiu responder antes de o homem passar e abandonar o avião. A voz era rude e rouca, o que, juntamente com os olhos congestionados, sugeria que acabara de acordar.

O avião encontrava-se vazio. O miniautocarro com o pessoal de limpeza parou na pista enquanto a tripulação saía em grupo. Tord Schultz reparou que o russo pequeno e entroncado foi o primeiro a appear-se, viu-o subir as escadas com o colete amarelo de alta visibilidade com o logo da empresa, Solox.

Até breve.

O cérebro de Tord Schultz repetiu as palavras enquanto avançava pelo corredor até ao centro da tripulação de voo.

– Não trazia um saco de cabina em cima? – perguntou uma das assistentes de bordo, apontando para o *trolley Samsonite* de Tord.

Não se lembrava do nome dela. Mia? Maja? Não interessava. Para todos os efeitos, comera-a uma vez durante uma escala, no século passado. De certeza?

– Não – respondeu Tord Schultz.

Até breve. Como quem diz «Até à próxima»? Ou «Vejo que estás de olho em mim»?

Transpuseram a divisória junto à entrada para o centro da tripulação de voo onde, em teoria, cabia muito apertadinho um funcionário da alfândega. Noventa e nove por cento das vezes, o lugar por detrás da divisória encontrava-se vazio e ele nunca – nem uma só vez nos trinta anos em que trabalhou na companhia aérea – foi retido e revistado.

Até breve.

Como quem diz «Muito bem, estou de olho em ti.» E «Já te topei.» Tord Schultz transpôs rapidamente a porta para o centro.

* * *

Sergey Ivanov assegurou-se, como de costume, de que era o primeiro a apelar-se do miniautocarro quando este parou no alcatrão ao lado do *Airbus*, e a subir a correr as escadas até ao avião vazio. Levou o aspirador para o *cockpit* e trancou a porta. Calçou as luvas de látex, puxando-as até ao começo das tatuagens, levantou a tampa dianteira do aspirador e abriu o cacifo do comandante. Retirou o pequeno saco de cabina *Samsonite*, correu o fecho, removeu a placa de metal no fundo e confirmou a existência dos quatro pacotes de um quilo em forma de tijolo. Depois, introduziu-os no aspirador, pressionando-os para que coubessem entre o tubo e o saco de pó grande que tivera o cuidado de esvaziar previamente. Voltou a encaixar a tampa da frente, que deu um estalido, destrancou a porta do *cockpit* e ligou o aspirador. Ficou tudo pronto numa questão de segundos.

Depois de arrumada e limpa a cabina, a equipa abandonou o avião, colocou os sacos de lixo azul-claros na traseira do *Daihatsu* e voltou para a sala. Não seriam muitos os aviões a aterrar e descolar antes de o aeroporto encerrar durante a noite. Ivanov olhou por cima do ombro para Jenny, o coordenador dos turnos. Este estava de olhos postos no ecrã do computador, onde se viam os horários de chegada e partida. Não havia voos atrasados.

– Eu fico com Bergen – disse Sergey na sua pronúncia carregada. Pelo menos falava a língua; conhecia russos que viviam há dez anos na Noruega e se viam ainda obrigados a recorrer ao inglês. Porém, quando o trouxera, há quase dois anos, o tio deixara bem claro que ele tinha de aprender norueguês, e consolara-o dizendo que podia ter herdado algum do talento dele para falar línguas.

– Tenho Bergen assegurado – anunciou Jenny. – Podes esperar por Trondheim.

– Eu fico com Bergen – disse Sergey. – O Nick pode tratar de Trondheim.

Jenny olhou para ele.

– Como queiras. Não te esfalfes a trabalhar, Sergey.

Sergey aproximou-se de uma cadeira junto à parede e sentou-se. Recostou-se cuidadosamente. Ainda sentia a pele dorida à volta dos ombros, no local onde o tatuador norueguês estivera a exercer o seu mester. Trabalhara com base em desenhos que Imre, o tatuador na prisão de Nizhny Tagil, enviara a Sergey e ainda não estava acabada. Sergey pensou nas tatuagens de Andrey e Peter, os braços-direitos do tio. Os traços azul-claros na pele dos dois cossacos de Altai contavam as suas vidas dramáticas e grandes feitos. Todavia, Sergey também se podia gabar de uma proeza. Um homicídio. Não passara de um pequeno homicídio, mas estava já tatuado sob a forma de um anjo. E talvez pudesse haver outro homicídio. Um grande. Caso *o necessário* se tornasse necessário, dissera o tio, avisando-o de que estivesse a postos, mentalmente preparado, e que continuasse a treinar com a faca. Havia um homem a caminho, dissera. Não havia a certeza absoluta, mas era provável.

Provável.

Sergey Ivanov olhou para as mãos. Não descalçara as luvas de látex. Claro que era coincidência que, sendo equipamento habitual de trabalho, garantissem também que não deixava quaisquer impressões digitais nos pacotes, se um dia as coisas dessem para o torto. Não houve a mais ínfima tremura. As suas mãos já o faziam há tanto tempo que, de vez em quando, tinha de lembrar a si mesmo que era um risco e devia ficar atento. Esperava estar o mais calmo possível quando tivesse de pôr em prática *o necessário* – *chto muzhno*. E, nessa altura, impunha-se a tatuagem cujo desenho encomendara já. Evocou novamente a imagem: ele a desabotoar a camisa na sala de estar da casa em Tagil, com todos os seus irmãos urkas presentes, e a mostrar-lhes as novas tatuagens. Que dispensariam qualquer comentário, quaisquer palavras. Por isso, não tencionava dizer nada. Bastava vê-lo nos olhos deles: deixara de ser o Pequeno Sergey. Durante semanas, rezara à noite para que o homem viesse. E que *o necessário* se tornasse necessário.

A mensagem para limpar o avião de Bergen chegou com interferências através do *walkie-talkie*.

Sergey levantou-se. Bocejou.

O procedimento no segundo *cockpit* foi ainda mais simples.

Abrir o aspirador, colocar o conteúdo na mala de cabina no cacifo do copiloto.

À saída, cruzaram-se com a tripulação que ia entrar. Sergey Ivanov evitou o contacto visual com o copiloto, baixou o olhar e reparou que ele tinha o mesmo tipo de *trolley* que Schultz. Um *Samsonite Aspire GRT*. O mesmo vermelho. Sem o pequeno saco de cabina vermelho de acoplar em cima. Não sabiam nada um do outro, nem as motivações nem os antecedentes familiares. Tudo o que ligava Sergey, Schultz e o jovem copiloto eram os números dos telemóveis descartáveis, adquiridos na Tailândia, para que pudessem enviar uma SMS em caso de alteração do previsto. Sergey duvidava que Schultz e o copiloto se conhecessem. Andrey limitara todas as informações ao estritamente necessário. Por esse motivo, Sergey não fazia a menor ideia do que acontecia aos pacotes. No entanto, podia adivinhar. Porque, quando o copiloto, num voo doméstico entre Oslo e Bergen, passava do lado ar para o lado terra, não havia controlo alfandegário, nem verificação de segurança. O copiloto levava a mala de cabina para o hotel em Bergen onde a tripulação ficava instalada. Um discreto bater à porta do hotel a meio da noite e os quatro quilos de heroína trocavam de mãos. Muito embora a nova droga, *violin*, tivesse feito baixar os preços da heroína, o valor corrente na rua para um quarto continuava a ser de pelo menos duzentas e cinquenta coroas. Mil por grama. Tendo em conta que a droga – que já fora diluída – o era mais uma vez, perfaziam um valor total de oito mil coroas. Ele sabia fazer contas. O suficiente para perceber que estava a ser mal pago. Contudo, também sabia que quando fizesse o *necessário* teria feito o suficiente para merecer uma fatia maior. E, ao fim de alguns anos com aquele salário, podia comprar uma casa em Tagil, arranjar uma siberiana jeitosa e talvez deixar que a mãe e o pai viessem viver com ele quando ficassem velhos.

Sergey Ivanov sentiu o prurido da tatuagem entre as omoplatas. Era como se a pele estivesse ansiosa pela próxima sessão.

O homem de fato de linho apeou-se do expresso do aeroporto na Estação Central de Oslo. Calculou que tivesse estado um dia quente e soalheiro na sua velha terra natal, porque o ar continuava ameno e envolvente. Trazia uma malita de lona quase ridícula e saiu da estação pelo lado sul, em passos rápidos e ágeis. Visto de fora, o coração de Oslo – que, defendiam alguns, a cidade não possuía – batia num pulsar tranquilo. Ritmo noturno. Os poucos carros que se viam a andar às voltas na rotunda da Máquina do Trânsito eram ejetados, um por um, em direção a leste para Estocolmo e Trondheim, a norte para outras partes da cidade ou a oeste para Drammen e Kristiansand. Tanto no tamanho como na forma, a Máquina do Trânsito fazia lembrar um brontossauro, um gigante moribundo que não tardaria a desaparecer, para ser substituído por habitações e escritórios no esplêndido bairro de Oslo com a sua esplêndida nova construção. A Casa da Ópera. O homem estacou e olhou para o icebergue branco situado entre a Máquina do Trânsito e o fiorde. Já recebera prémios de arquitetura no mundo inteiro; vinham pessoas de toda a parte para passearem no telhado de mármore italiano que descia até ao mar. A luz do lado de dentro das janelas grandes do edifício era tão intensa quanto o luar que nele incidia.

«Cristo, que melhoria», pensou o homem.

Não foram as promessas futuras de uma nova construção urbana que ele viu, mas o passado. Porque esta tinha sido a sala de chuto de Oslo, o seu território de drogados, onde os filhos perdidos da cidade se tinham injetado e «viajado» por detrás dos barracões que os ocultavam parcialmente. Uma ténue divisória entre eles e os pais social-democratas bem-intencionados e desconhecedores. «Que melhoria», pensou. Iam numa viagem ao inferno, mas rodeados de beleza.

A última vez que ali estivera fora há três anos. Tudo diferente. Tudo igual.

Abrigavam-se numa faixa de relva entre a estação e a autoestrada, que quase se confundia com a berma de uma estrada. Tão drogados agora como então. Deitados de costas, de olhos fechados, como se o sol fosse demasiado forte, amontoados, tentando encontrar uma veia que ainda pudesse ser picada, ou de pé, curvados, com os joelhos frouxos de drogados e mochilas, completamente desorientados. Os mesmos rostos. Não os mesmos mortos-vivos da altura em que ele andara por ali, esses há muito que tinham morrido, de uma vez por todas. Mas os rostos eram iguais.

Havia mais na rua que subia até à Tollbugata. Uma vez que estavam relacionados com o motivo do seu regresso, tentou fazer uma estimativa. Decidir se havia mais ou menos. Reparou que estavam novamente a vender em Plata. A pequena praça de asfalto a oeste de Jernbanetorget, agora pintada de branco, fora a Taiwan de Oslo, uma zona de comércio livre de drogas, criada para que as autoridades pudessem ficar atentas ao que se passava e possivelmente interceptar jovens que iam comprar pela primeira vez. No entanto, à medida que o negócio prosperava e Plata mostrava o verdadeiro rosto de Oslo como uma das piores zonas de heroína da Europa, o sítio acabara por se tornar uma atração turística. Há muito que os lucros da venda de heroína e as estatísticas de *overdoses* se tinham tornado um motivo de vergonha para a capital, mas não eram uma mácula tão visível quanto Plata. Os jornais e a televisão mostravam ao resto do país imagens de jovens pedrados, mortos-vivos a vaguearem pelo centro da cidade em plena luz do dia. A culpa

era dos políticos. Quando a direita estava no poder, a esquerda manifestava-se ruidosamente. «Faltam centros de tratamento». «As penas de prisão geram consumidores.» «A nova sociedade de classes cria gangues e tráfico de droga nas zonas de imigrantes.» Quando a esquerda estava no poder, a direita manifestava-se ruidosamente. «Há falta de polícias.» «Quem solicita asilo obtém-no facilmente.» «Seis em cada sete reclusos são estrangeiros.»

Então, depois de andar de Herodes para Pilatos, a Câmara Municipal de Oslo tomara a inevitável decisão: salvar a pele. Varrer o lixo para baixo do tapete. Encerrar Plata.

O homem de fato de linho viu um jovem com uma camisola vermelha e branca do Arsenal numas escadas e quatro pessoas diante dele a arrastarem os pés. A cabeça do jogador do Arsenal virava-se para a esquerda e para a direita, como a de um frango. As outras quatro cabeças permaneciam imóveis, fitando apenas o traficante com as cores do Arsenal, que esperava reunir um número suficiente, um bando composto talvez por uns cinco, ou mesmo seis elementos. Só então aceitava encomendas contra pagamento, levando-os depois ao local onde se encontrava a droga. Ao virar da esquina ou, então, num pátio nas traseiras onde o parceiro o aguardava. Era um princípio simples: o tipo da droga nunca tinha qualquer contacto com o dinheiro e o tipo do dinheiro nunca tinha qualquer contacto com a droga. Desse modo, tornava-se mais difícil a Polícia obter provas inequívocas de tráfico contra qualquer um deles. Mesmo assim, o homem de fato de linho não deixou de ficar surpreendido, pois o que estava a ver era o velho método usado nas décadas de 1980 e 1990. Quando a Polícia desistira de tentar apanhar os traficantes nas ruas, os vendedores tinham abandonado os complexos esquemas e a reunião de um grupo começando a traficar diretamente quando os clientes apareciam; dinheiro numa mão, drogas na outra. Teria a Polícia recommçado a prender os traficantes de rua?

Um homem com equipamento de ciclismo passou a pedalar, capacete, óculos e uma camisola de malha cor de laranja a ondular. Os músculos das coxas sobressaíam debaixo dos calções justos e a

bicicleta parecia cara. Devia ser por isso que a levava quando ele e o resto do grupo seguiram o jogador do Arsenal virando a esquina para o outro lado do edifício. Tudo diferente. Tudo igual. Mas eram menos, não eram?

As prostitutas na esquina da Skippergata tentavam aliciá-lo num inglês macarrónico – «Ei, rico! ‘Pera um minuto, xeitoso!» –, mas ele abanou a cabeça. E parecia que o boato sobre a sua castidade, ou sobre possíveis dificuldades financeiras, se espalhara mais depressa do que o ritmo a que ele caminhava, porque as raparigas lá mais acima não mostraram interesse nele. No seu tempo, as prostitutas de Oslo vestiam roupas práticas, calças de ganga e blusões grossos. Não se viam muitas; fora um mercado de venda. Mas agora a concorrência era mais feroz, e viam-se minissaias, saltos altos e meias de rede. As mulheres africanas pareciam estar já enregeladas. «Esperem por dezembro», pensou.

Avançou mais por Kvadraturen, que fora outrora o primeiro centro da cidade de Oslo, mas era agora um deserto de asfalto e tijolo com edifícios públicos e escritórios para duzentas e cinquenta mil formigas operárias, que corriam para casa às quatro ou cinco horas e cediam a vez aos roedores noturnos. Quando o rei Christian IV reconstruíra a cidade com quarteirões quadrados, de acordo com os ideais de ordem geométrica renascentistas, a população era controlada pelo fogo. Reza um mito popular que ali, na noite de cada ano bissexto, podiam ver-se pessoas em chamas a correr por entre as casas, ouvir os seus gritos, vê-las arder e dissolver-se; no entanto, ficava uma camada de cinza no alcatrão, e quem conseguisse agarrá-la antes de ser levada pelo vento, garantia que a casa que habitava nunca seria destruída pelo fogo. Por causa do risco de incêndio, Christian IV mandara traçar ruas amplas, de acordo com os padrões dos pobres de Oslo. As casas eram construídas com um material de origem não norueguesa, o tijolo. E, enquanto seguia ao longo de uma destas paredes, passou pela porta aberta de um bar. Um novo atentado aos Guns N’ Roses, «Welcome to the Jungle», *reggae* produzido para dançar e a lixar-se para Marley e Rose, Slash

e Stradlin, cantado a plenos pulmões para os fumadores reunidos de pé no exterior. Estacou diante de um braço estendido.

– Tens lume?

Uma senhora roliça e pesadona, a rondar os trinta e muitos, olhou para ele. O cigarro subia e descia provocantemente nos lábios dela.

Ele arqueou uma sobrancelha e olhou para a amiga que se encontrava atrás dela, a rir às gargalhadas, com um cigarro aceso. A pesadona apercebeu-se e também gargalhou, dando um passo para o lado a fim de recuperar o equilíbrio.

– Não sejas tão tapada – disse ela na mesma pronúncia de Sørland que a Princesa Herdeira. Constara-lhe que havia uma prostituta no mercado coberto que ficara rica por se parecer com ela, falar como ela e vestir-se como ela. E que os honorários cobrados de cinco mil coroas à hora incluíam um cetro de plástico ao qual o cliente podia dar o uso que muito bem lhe apetecesse.

A mão da mulher assentou no seu braço quando ele fez menção de seguir caminho. Inclinou-se na direção dele e bafejou-lhe o rosto com um hálito a vinho tinto.

– És um tipo bem-parecido. Que tal dares-me... lume?

Ele virou a outra face para ela. A face má. A face do tipo-não-tão-bem-parecido. Sentiu-a estremecer e escorregar ao ver o sulco deixado pelo prego quando estivera no Congo. Estendia-se da boca à orelha como um rasgão mal costurado.

Seguiu o seu caminho quando a música mudou para os Nirvana. «Come As You Are». Versão original.

– Haxe?

A voz veio de uma entrada. Mas ele não parou nem se virou.

– Anfes?

Estava limpo há três anos e não tencionava recomeçar.

– *Violin?*

Muito menos naquele momento.

Diante de si, no passeio, um jovem parara junto a dois traficantes; mostrava-lhes algo enquanto falava. O mais novo ergueu o olhar quando ele se aproximou, fitando-o com dois olhos cinzentos

inquiridores. «Olhos de polícia», pensou o homem, baixando a cabeça e atravessando a rua. Talvez fosse um pouco paranoico; afinal, era improvável que um agente da Polícia tão jovem o reconhecesse.

Lá estava o hotel. A espelunca. O Leon.

Esta parte da rua encontrava-se quase deserta. Do outro lado, sob um candeeiro, viu o vendedor de droga escarranchado na bicicleta, com outro ciclista, usando também equipamento profissional. O vendedor de droga estava a ajudar o outro tipo a injetar-se no pescoço.

O homem de fato de linho abanou a cabeça e olhou para a fachada do edifício diante de si.

Havia a mesma faixa, enfarruscada da fuligem, colocada por baixo das janelas do terceiro e último andar. «Quatrocentas coroas por noite!»

Tudo diferente. Tudo igual.

O rececionista do Hotel Leon era novo. Um rapazote, que cumprimentou o homem de fato de linho com um sorriso extraordinariamente cortês e – para o Leon – uma extraordinária desconfiança. Saudou-o com um cordial «Bem-vindo» sem uma ponta de ironia na voz e pediu que lhe mostrasse o passaporte. O homem presumiu que frequentes vezes o confundiam com um estrangeiro por causa da compleição bronzeada e do fato de linho, e entregou ao rececionista o seu passaporte norueguês. Estava cheio de carimbos. Demasiados para que se pudesse chamar uma boa vida.

– Oh, sim – disse o rececionista, devolvendo-o. Colocou um impresso em cima do balcão e entregou-lhe uma caneta.

– Bastam as partes assinaladas.

«Um registo de entrada no Leon?», pensou o homem, surpreendido. Afinal, talvez sempre houvesse mudanças. Pegou na caneta e viu o rececionista olhar para a mão dele, o dedo médio dele. Aquele fora o seu dedo mais comprido antes de ser cortado numa

casa em Holmenkollen Ridge. Agora, a primeira articulação fora substituída por uma prótese de titânio azul-acinzentada e baça. Não tinha grande utilidade, porém, proporcionava equilíbrio aos dedos adjacentes quando precisava de agarrar, e não estorvava porque era bastante curta. A única desvantagem era ter de dar as intermináveis explicações quando passava na segurança dos aeroportos.

Preencheu *Primeiro Nome* e *Último Nome*.

Data de nascimento.

Escreveu sabendo que agora se parecia mais com um homem de quarenta e cinco anos do que o caquético defeituoso que deixara a Noruega há três anos. Submetera-se a um rigoroso regime de exercício, alimentação saudável, imenso sono e – como não podia deixar de ser – nem uma só substância que causasse dependência. A finalidade da dieta não fora parecer mais novo, mas evitar a morte. Além disso, agradava-lhe. Na verdade, sempre gostara de rotinas fixas, disciplina e ordem. Nesse caso, porque tivera uma vida de caos, autodestruição e uma série de relações acabadas com períodos de desintoxicação de permeio? As quadrículas vazias olhavam para ele, com ar inquiridor. Mas eram demasiado pequenas para as respostas que pediam.

Morada fixa.

Bem, o apartamento na Sofies Gate fora vendido mal ele partira, há três anos, e o mesmo se aplicava à casa dos pais em Oppsal. Na sua presente profissão, uma morada oficial acarretava um risco inerente. Então, escreveu o que costumava escrever quando se registava noutros hotéis: Chungking Mansion, Hong Kong. Que não podia estar mais longe da verdade do que qualquer outra coisa.

Profissão.

Homicídio. Não o escreveu. Esta parte não fora assinalada.

Número de telefone.

Colocou um número falso. Os telemóveis podiam ser localizados, assim como as conversas e o local onde as pessoas as tinham.

Número de telefone do parente mais próximo.

Parente mais próximo? Que marido dava voluntariamente o

número da mulher quando se registava no Hotel Leon? Afinal, aquele sítio era o mais parecido que existia em Oslo com um bordel público.

O rececionista conseguiu ler-lhe os pensamentos.

– Caso se sinta indisposto e tenhamos de ligar a alguém.

Harry anuiu. Em caso de ataque cardíaco durante o ato.

– Não precisa de escrever nada se não...

– Não – disse o homem, olhando para as palavras. *Parente mais próximo*. Ele tinha a Sis². Uma irmã com o que ela própria designava por «uma pontinha de síndrome de Down», mas que sempre encarara a vida muito melhor do que o irmão mais velho. Para além de Sis, não havia mais ninguém. Absolutamente ninguém. Pelo menos mais chegado.

Assinalou «Dinheiro» como modo de pagamento, assinou e entregou o impresso ao rececionista. Que o inspecionou minuciosamente. E depois Harry viu-a finalmente transparecer. A desconfiança.

– O senhor é... é Harry Hole?

Harry Hole anuiu.

– Há algum problema nisso?

O rapaz abanou a cabeça. Engoliu em seco.

– Ótimo – disse Harry. – Tem uma chave para mim?

– Oh, desculpe! Aqui está. Trezentos e um.

Harry pegou nela e reparou que as pupilas do rapaz estavam dilatadas e a voz tensa.

– É... é o meu tio. Ele dirige o hotel. Era ele que estava aqui antes de eu vir para cá. Ele falou-me de si.

– Só coisas boas, espero – comentou Harry, pegando na mala de lona e encaminhando-se para as escadas.

– O elevador...

– Não gosto de elevadores – respondeu Harry sem se voltar.

O quarto não mudara nada. Delapidado, pequeno e mais ou

² Abreviatura de *sister* (irmã, em inglês). (N. da T.)

menos limpo. Não, na verdade, os cortinados eram novos. Verdes. Rígidos. Provavelmente de lavar e secar. O que lhe trouxe uma lembrança. Pendurou o fato na casa de banho e abriu o chuveiro para que o vapor eliminasse os vincos. O fato custara-lhe oitocentos dólares de Hong Kong na Punjab House, em Nathan Road, mas para o seu trabalho era um investimento essencial; ninguém respeitava um maltrapilho. Colocou-se debaixo do duche. A água quente causou-lhe um formigueiro na pele. Depois, atravessou nu o quarto em direção à janela e abriu-a. Segundo andar. Traseiras. Através de uma janela aberta chegaram-lhe gemidos de entusiasmo simulado. Agarrou o varão do cortinado e debruçou-se. Teve vista direta para um contentor aberto e reconheceu o cheiro nauseante a lixo que se elevava de lá. Cuspiu e ouviu o som quando caiu em cima do papel dentro do caixote. Só que a restolhada que se seguiu não proveio do papel. Ouviu-se um estalido e os cortinados verdes rígidos de ambos os lados vieram parar ao chão. Merda! Retirou o varão fino da bainha do cortinado. Era dos antigos, com duas extremidades bolbosas pontiagudas; já estava partido, no entanto, alguém tentara colá-lo com fita castanha. Harry sentou-se na cama e abriu a gaveta da mesa de cabeceira. Uma Bíblia com capa sintética azul-clara e um estojo de costura de onde saía linha preta enrolada num cartão com uma agulha espetada. Pensando bem, Harry apercebeu-se de que talvez não fosse assim tão má ideia. Depois os hóspedes podiam voltar a coser os botões da braguilha e ler sobre a remissão dos pecados. Estendeu-se na cama e olhou para o teto. Tudo novo. Tudo... Fechou os olhos. Não dormira nada durante o voo e, com ou sem *jet lag*, com ou sem cortinados, ia ter de dormir. E começou a ter o mesmo sonho que tinha todas as noites nos últimos três anos: seguia à pressa por um corredor, fugia de uma avalanche atoadora que sugava todo o ar, deixando-o incapaz de respirar.

Era apenas uma questão de continuar a avançar e manter os olhos fechados durante mais algum tempo.

Perdeu o controlo dos seus pensamentos; afastavam-se de si.

Parente mais próximo.

Parentes. Amigos.

Parente mais próximo.

Era o que ele era. Foi por isso que regressou.

Sergey seguia pela E6 em direção a Oslo. Ansiava pela cama no seu apartamento em Furuset. Não ultrapassava os 120, embora a autoestrada estivesse praticamente vazia àquela hora tardia. O seu telemóvel tocou. O telemóvel. A conversa com Andrey foi concisa. Falara com o tio, ou *ataman* – o chefe –, como Andrey chamava ao Tio. Depois de desligarem, Sergey não conseguiu continuar a conter-se. Meteu prego a fundo. Guinchou de prazer. O homem chegara. Finalmente, naquela noite. Ele estava aqui! De momento Sergey não devia fazer nada, a situação podia resolver-se por si própria, dissera Andrey. Mas agora tinha de estar ainda mais preparado, mental e fisicamente. Tinha de treinar com a navalha, de estar preparado para tudo. Caso o *necessário* se tornasse necessário.

